

Espaço-Oficina de Psicanálise

Encontro sobre a topologia lacaniana. Seminário *A Identificação*.

Encontro com Marc Darmon, Thatyana Pitavy e Angela Jesuíno.

26 de junho de 2021.

Eduardo Rocha: Primeiramente, gostaria de agradecer muito a generosidade e disponibilidade de Thatyana Pitavy e Marc Darmon para esse encontro conosco. Devo confessar a vocês que hoje Thatyana me perguntou: “Esse será o primeiro encontro?”. Ao que eu falei: “É o primeiro, então tá, então esse será o encontro inaugural”. O que significa que a gente pode desejar que haja outros no caminho. Seja remotamente ou até presencial, como vocês, que já estão podendo se encontrar. Então vou passar a palavra à Thatyana, que fará as vezes de entrevistadora, de mediadora do nosso trabalho.

Thatyana Pitavy: Bom dia a todos. Estou muito contente desse primeiro encontro, desse encontro inaugural. O primeiro de uma série de muitos outros, a gente também espera. Então é um primeiro encontro do Espaço-Oficina com a topologia lacaniana. É uma enorme sorte ter Marc Darmon aqui conosco. Marc Darmon é uma referência e um mestre para todos nós em matéria de topologia lacaniana. Essa entrevista, essa mediação que eu vou fazer é o fruto da leitura de vocês do Seminário da Identificação (até a lição XVII). Uma leitura fina e muito rigorosa. Eu dizia a Marc, ao chegar, que ele ia precisar se preparar pois ele ia ter que tratar do programa inteiro do Seminário de Verão em duas horas. Eu não sei se vocês já viram, mas o programa do Seminário de Verão já está disponível no site da ALI. Muitas das questões que vocês estão colocando hoje, elas vão ser tratadas também durante o Seminário. Então hoje será um aperitivo. Bom, então vamos lá pois temos muito trabalho pela frente.

TP: Marc, o *Seminário da Identificação* parece inaugurar o que irá ser os anos topológicos de Lacan, e nós sabemos que a topologia lacaniana estava ali, desde o início do ensino de Lacan. Mas não ainda dessa forma tão explícita como nós encontramos no *Seminário da Identificação*. Na sua opinião, então, que tipo de suporte Lacan vai procurar com a topologia? Ele fala de intuição nesse seminário. Será que essa topologia lacaniana é o caminho que ele toma pra desenvolver a necessidade de produzir uma imagem dessa intuição? Então, uma intuição de quê? De um Real? Real Clínico? Aquele do sujeito do inconsciente? Uma topologia imaginária para dar conta do Real? Eis uma primeira questão.

MD: Obrigado Thatyana, obrigado a vocês todos por suas perguntas, por suas questões. Eu estou muito feliz de me encontrar com vocês no Rio. Eu vou tentar responder essas questões, que são muito avançadas. É verdade, Thatyana, Lacan sempre se apoiou na matemática, na topologia. Em sua

conferência SIR, em 1953, Lacan já apresentava um sistema formal e já utilizava as letras SIR para combiná-las com uma matriz formada pelas letras RSI. Esse sistema permitia descrever todos os movimentos de uma análise, do início ao fim. E isso com um jogo de letras do RSI (maiúsculo) e rsi (minúsculo).

Desde os primeiros seminários, ele fazia alusão à topologia, em particular no seminário sobre o eu. Lacan evoca várias vezes o trisquel. Lacan nos diz, nessa passagem, que para fazer suportar três planos é preciso que esses planos se encaixem na forma de um trisquel [Tathiana mostra o desenho de um trisquel]. Vocês vão ouvir falar do trisquel mais tarde no seminário sobre os nós. É por isso que eu digo, com frequência, que não podemos ler Lacan negligenciando essa dimensão puramente topológica, pois Lacan, desde o início dos seus seminários, se apoiou nela. E o que isso, o que essa referência constituía pra ele? Pode-se dizer que ele se deixava guiar por modelos – nesse *Seminário da Identificação*, ele fala em modelos. Ele se deixava guiar pelos modelos que ele instaurava.

Por exemplo, em *A carta roubada*, há as cadeias de letras – alfa, beta, gama, delta... com a esperança de colocar por escrito uma linguagem mínima. Então ele mostrava, com esse sistema de letras – alfa, beta, gama e delta – Lacan se servia disso como o número de elementos mínimos para simular uma linguagem. E vocês verão esses grafos na *Carta roubada*, e esses grafos são aqueles que vão dar nascimento, fazer surgir o grafo do Lacan propriamente dito. Há uma continuidade formal entre essas duas apresentações que passa despercebida, e é comum que se pergunte de onde saíram os grafos. Ele tira esse grafo dos alfa, gama, beta, delta... E a gente vê bem como Lacan se servia desse modelo, que ele apresentava à sua maneira – não é uma matemática rigorosa. Mas ele os apresentava com uma grande confiança nas determinações simbólicas que estão no princípio do grafo. Então, o grafo é uma construção topológica. Falo do grafo da *Subversão do sujeito e dialética do desejo*.

TP: E por que, então, ele se serve dessa topologia?

MD: Em minha opinião, porque ele queria dar conta de uma sobredeterminação que não vem do real propriamente dito, mas que se impõe ao real. A gente poderia dizer que ele faz disso a essência da linguagem: trazer determinações que não são mecânicas, mas simbólicas. Sem dúvida, ele pensava que as representações, os modelos matemáticos e topológicos traziam imposições, coisas impossíveis que se impunham ao real. Esse tipo de determinação era pra ele representativo da determinação dos significantes entre si.

TP: Alguma questão que vocês gostariam em torno dessa questão ou a gente avança?

Agora a gente entra mais a fundo no *Seminário da Identificação*. O traço unário, a unicidade do traço unário e a repetição desse traço como diferença – será que você pode nos falar alguma coisa sobre o traço unário?

MD: Nesse seminário, Lacan parte do traço unário. E de onde sai esse traço unário? De início, isso faz parte das três identificações determinadas por Freud. Vocês sabem que há a primeira identificação, que permanece um pouco misteriosa, a identificação primária ao pai; há uma outra identificação, a identificação histórica, por uma espécie de imitação; e uma terceira, um tipo de identificação que é aquela do traço unário. Na obra de Freud, trata-se de uma identificação com um traço único, com o traço único da pessoa a qual o sujeito se identifica. Por exemplo, uma identificação com o sintoma da pessoa amada ou detestada. Então, esse traço único, Lacan reconhece nele o significante, e esse significante, ele vai chamá-lo de traço unário.

Então, esse traço unário, de onde ele vem? Na minha opinião, ele vem diretamente da linguística saussuriana. Porque Saussure se pergunta o que faz a unidade da cadeia significante. E ele se pergunta também o que faz a identidade e a diferença. Porque o significante tem uma identidade e uma diferença completamente singulares. Então, Lacan faz um grande desenvolvimento sobre a palavra *mesmo*. Um significante tem uma identidade. Através de todas as variações possíveis de seu enunciado, trata-se do mesmo significante. No entanto, um significante não vale senão por sua diferença em relação a outros significantes. Então nós nos encontramos com um objeto significante presente como paradoxal em relação aos objetos da realidade. Porque há identidade entre dois significantes, ao passo que o real não justifica essa identidade. É o exemplo do trem Genebra-Paris de 10h40. Todos os dias é o mesmo trem, o trem de 10h40. Mas, na realidade, não são os mesmos passageiros, não é o mesmo motorista. Então, temos aí uma identidade propriamente simbólica, significante; da mesma forma, a diferença.

Lacan insiste em dizer que o significante é diferente dele mesmo. Porque a própria existência do significante repousa na diferença. O que faz o caráter único do significante é a sua diferença em relação aos outros significantes – uma pura diferença. Eis as referências que animavam Lacan no tratamento do traço unário. Então, o traço unário vai se repetir – cada traço é, ao mesmo tempo, semelhante aos outros, embora sendo diferentes. Então, é muito importante, isso vai constituir o ponto de partida da topologia desenvolvido na identificação.

TP: Podemos avançar? Lacan passa da esfera ao toro. Por que o toro? Por que o toro teria as qualidades para representar o que é próprio do significante?

MD: Por que o toro? Porque o toro apresenta duas dimensões que Lacan afirmava como dissimétricas. Em várias lições do *Seminário*, vemos Lacan buscando o que distinguiria duas dimensões do toro que dariam conta de uma dissimetria. A gente acabou de falar do traço unário, do traço unário que é, ao mesmo tempo, diferente e o mesmo. Esse traço pode ser representado por um círculo, mas é preciso dar conta da propriedade completamente singular do significante de ser diferente de si mesmo. E como apreender o que Lacan chama de auto diferença? Pois bem, é inscrevendo no toro a dupla laçada. Contrariamente ao que se passa nos círculos de Euler desenhados sobre o plano, quando ele faz a teoria dos conjuntos. Vamos ilustrar o toro. Vocês veem que esse duplo laço pode se desenhar facilmente no toro sem haver intersecção. É o que nós chamaremos de nó de trevo. Aqui são dois círculos. Esses dois círculos, como nos diagramas de Euler, eles não se cruzam, não tem intersecção entre eles. O traço cheio passando diante do toro e, pelo traço pontilhado, ele passa atrás, não havendo intersecção. Então pode-se desenhar dois círculos no toro que não se cruzam, sem intersecção entre eles – o que não pode ser feito sobre o plano, porque haverá intersecções. E os círculos de Euler repousam sobre os diferentes campos determinados por esses círculos. Há o que aparece no centro, ou seja, a intersecção. Se a gente traçar os dois círculos de Euler no toro, a parte que a gente chama de intersecção... (figura da página 282, figura 27-3, 22 ou 27). Os círculos estão desenhados, desta vez, na mesma face, na mesma parte do toro – se tivessem sido traçados sobre o plano, isso poderia ser lido como os círculos da teoria dos conjuntos. Imaginemos, num primeiro momento, que isso foi desenhado num plano. Vocês têm o conjunto A e o conjunto B; no meio, os dois conjuntos se entrecruzam. Então, essa parte se chama intersecção de A e B, de todo o campo entre A e B, se estivessem no plano. E se traçarmos, dessa vez, num toro, a gente vai ver que essa intersecção, graças ao buraco central do toro, comunica com o exterior dos conjuntos. E então temos o que Lacan chama de diferença simétrica, sempre no projeto de buscar o que faz a autodiferença do significante em relação a ele mesmo. E por que Lacan faz isso tudo? Para fazer apreender que o desejo tem a ver diretamente com essa autodiferença do significante. O desejo é representado por voltas em torno do buraco central. De início, as demandas do sujeito serão representadas por traços unários...

Maria Idália de Góes: Darmon explicou que a diferença simétrica representa, ou dá a ver, a autodiferença?

TP: A verdade é que dá um nó na cabeça...

MD: Lacan tentava fazer entender o que ele estava tentando construir de forma muito pedagógica. Porque são coisas difíceis de apreender, e é muito emocionante ver o quanto Lacan tentava

se fazer compreender. Então, vamos retomar essa demanda que gira em torno do buraco periférico (figura 34). Vocês têm o D, que representa a demanda; há os dois toros encadeados – isso significa que um toro é sempre complementar a outro toro; e o círculo da demanda, num toro, vai se decalcar sobre o toro complementar como um círculo do desejo. E aí há algo delicado de compreender. É preciso dizer que a demanda se encontra em volta, por assim dizer, do buraco periférico. Lacan fala da bobina, ele chama essa demanda como uma bobina. A demanda é o significante. A demanda vai incidir sobre um objeto que é o objeto da necessidade. E a demanda gira em torno desse objeto que lhe escapa, e é esse fracasso que acarreta a repetição da demanda. E é por isso que, tecnicamente, numa análise, não respondemos à demanda, porque é essa não satisfação que acarreta uma nova volta da bobina. Então, quando o sujeito repete a sua demanda, e ele fracassa nisso, fracassa na captura do seu objeto, há uma outra volta, que a repetição da demanda, que a própria contagem dessa repetição, que não se percebe – é a volta que vai fazer essa demanda em torno do buraco central do toro, e isso é o desejo.

TP: E por que o sujeito não consegue fazer essa contagem?

MD: O que está ao alcance dele é contar essas voltas da demanda. Ele repete essa demanda para obter satisfação e, pelo fato de demandar, isto é, de estar no campo da linguagem, ele não pode senão não alcançar o objeto. E esse princípio de impossibilidade de fechar a demanda em relação ao objeto é o próprio movimento do desejo. E esse desejo não aparece de imediato. Esse desejo, como acabamos de ver, está em relação direta com a essência do significante.

TP: Já que estamos nas questões sobre a demanda e o desejo, há essa questão que foi colocada: o toro é neurótico? E se sim, por quê?

MD: Por que se fala de neurose a propósito do toro? Nós vimos, no desenho dos toros encadeados, dois toros complementares onde o círculo da demanda sobre um dos dois toros corresponde ao círculo do desejo no outro toro. Vemos aqui esses dois círculos que são o decalque um do outro.

TP: Quando você diz decalque, é o quê?

MD: Como se o toro fosse portador de uma tinta. Aqui representamos um círculo da demanda e um círculo do desejo. Vemos que o toro complementar é praticamente o mesmo. O mesmo círculo representa a demanda num dos toros e o desejo no outro toro. O que leva Lacan a dizer que a demanda do sujeito é o desejo do Outro. E o desejo do sujeito incide sobre a demanda do Outro. É tipicamente um dispositivo neurótico. E Lacan vai tentar encontrar um meio para desfazer esse enganchamento. Vemos

aqui a que corresponde clinicamente essa história. Isso corresponde ao fato de que, no obsessivo, a demanda incide sobre o objeto do Outro, objeto do desejo; e, no histérico, o desejo incide sobre o desejo do Outro. O toro efetivamente representa bem a dialética da neurose.

TP: Vou continuar. O que é essa história do sujeito como negatividade, e por que Lacan retoma o grafo e tenta inscrevê-lo num campo tórico?

MD: Há pouco, quando vimos esses círculos que se repetem, esses círculos da demanda, que contamos, que a gente pode contar a cada volta da demanda, o menos um (-1) vem da volta do desejo, aquela que a gente não conta. A gente conta sempre um a menos. É uma negatividade de contagem.

TP: E por que retomar o grafo?

MD: Em um momento do *Seminário*, Lacan desenha o grafo, aquele de que falamos no início, no toro. Isso mostra tipicamente como Lacan estava buscando uma coerência, uma coerência entre esses modelos. Ou seja, o circuito no grafo corresponde a um circuito no toro. O toro traz as propriedades topológicas da superfície onde se escreve o grafo. Fazendo coincidir esses dois modelos, do grafo e do toro, Lacan esperava um efeito que permitisse dizer algo novo. Ele estava tentando, ele estava experimentando... A propriedade topológica do toro trazia algo a mais que a superfície do plano.

TP: Eu tenho ainda uma questão, Marc: por que Lacan insiste sobre a ideia de modelo, ao passo que ele será categórico, em relação à teoria dos nós, para dizer que não é um modelo?

MD: Sim... é o que ele está tentando realizar com os nós. Ou seja, a diferença em relação ao nó é que o crosscap ou o toro são modelos. Ou seja, é uma forma de imaginar o real do simbólico. Mas, com o nó, a grande diferença, com o nó do RSI, é que o real desse enodamento é um dos círculos do próprio nó (em referência ao nó borromeano). No nó borromeano, um dos componentes do nó é o próprio real, e é também o real do enodamento. Então, não é um modelo no sentido de que um modelo é algo imaginário, que tenta aproximar algo do real. Aqui, com o nó borromeano, temos um real que está no princípio do enodamento, e que faz parte do nó.

TP: É a dimensão do real que vem romper com essa noção de modelo.

MD: Sim.

TP: A inscrição da estrutura significante no campo tórico: Lacan produz vários traçados para chegar à figura do oito interior. Será que o oito interior já é uma referência ao significante fálico? E se sim, como podemos localizar o falo no oito?

MD: Então, o oito interior, ele diz que é interior porque o segundo lobo do oito se redobra sobre o primeiro. Então, o que caracteriza o oito interior é o duplo laço, e é certamente o significante diferente de si mesmo. Mas para perceber essa diferença, é necessário traçar duas voltas. Então, é realmente o significante que é, ao mesmo tempo, diferente dele mesmo, como um dos rastros persegue um caminho diferente... e também simboliza a identidade, na medida em que o oito interior tem uma intersecção, ou seja, repassa no mesmo ponto. Então, ao mesmo tempo, identidade e diferença. Então, no que concerne ao falo, Lacan o situa no ponto singular do crosscap, que ele chamava de ponto buraco, ponto furo. O oito interior vai girar em torno desse ponto.

TP: Na figura do crosscap...

MD: Não se pode obter esse falo considerando o toro.

TP: É por isso que ele vai precisar passar pelo crosscap depois.

Eduardo Rocha: Só repetindo, insistindo: ele disse que, no oito interior, a gente não pode localizar o falo, não é?

TP: No oito interior inscrito no toro, não. Vai precisar lá do crosscap para poder introduzir esse ponto buraco. Vai precisar dessa figura do crosscap para introduzir isso.

TP: Eu tenho uma última pergunta, do meu lado, depois abriremos para outras. O *Seminário da identificação* como a travessia de um tratamento, você estaria de acordo com isso?

MD: Sim, sempre foi a preocupação de Lacan de representar o trajeto de um tratamento. Foi o caso na sua primeira conferência, de 1953, onde a sequência de letras RSI tentava descrever o processo da análise. Começava-se por realizar o símbolo, ou seja, o encontro com o analista, que é um personagem simbólico... Depois do encontro com o analista, há a fase da transferência, em que se trata de realizar o imaginário. É então uma fase difícil, da qual se tem que sair para simbolizar a imagem, por exemplo, quando se interpreta um sonho. E depois a fase de simbolizar os símbolos... Enfim, termina-se por realizar seu desejo de alguma forma.

TP: E como encontramos isso na *Identificação*?

MD: Na *Identificação*, há uma tentativa de representar o trajeto de uma análise. É preciso partir dos dois toros encadeados, ou seja, da neurose, e se trata de mostrar que o toro do sujeito é diferente do toro do Outro. Então, quando a demanda faz uma única volta, uma única volta do desejo e da demanda – uma demanda que faria ao mesmo tempo a volta da demanda e do desejo – no toro do Outro, o decalque

desse primeiro círculo não pode se distinguir do primeiro. Ou seja, se a demanda faz uma única volta, não há dissimetria entre toro do sujeito e toro do Outro. Mas se a demanda se volta sobre ela mesma, com duas voltas da demanda e uma volta do desejo, ela vai decalcar, no toro do Outro, duas voltas do desejo e uma volta da demanda. O que é importante sublinhar é a dissimetria entre os dois desenhos. A meu ver, isso representa o que se passa na análise, onde, pelo fato de não responder à demanda, induz que a demanda se repita. É nessa repetição que se pode perceber a identidade e a dissimetria [inaudível]. Isso quer dizer que a estrutura de alguma forma se revela, com a condição de que se leve a demanda a se repetir e a se retomar ela própria.

Então, vimos que as voltas da demanda, de forma inconsciente, giram em torno do objeto do desejo. Mas esse objeto permanece exterior ao toro. Sua topologia não é precisada. Então, foi preciso esperar um texto, *O aturdi*, onde nós ouvimos as voltas do dito¹. Foi preciso esperar esse texto tão difícil de decifrar, onde Lacan faz a relação entre o toro e o crosscap. Ele ali descreve uma forma de recortar o toro, de forma a transformá-lo na banda de Moebius, e essa faixa de Moebius tem uma borda que vai definir o objeto a, o objeto causa do desejo. É uma descrição do processo analítico que faz uma ponte entre o toro e o crosscap.

TP: Isso será tratado durante o Seminário [de verão]. Alguém tem questões? A partir daí outras questões devem estar se elaborando...

Maria Idalia de Góes: Essa figura 32, da dupla volta, essa dupla volta que passa pelo vazio central, é uma exposição do oito interior, não é?

MD: Sim.

Maria Idalia de Góes: Isso nos mostra que o significante não significa a si mesmo?

MD: Sim, mas aí se trata de uma passagem do *Seminário* em que Lacan busca o que faz a dissimetria.

Eduardo Rocha: É, ele procura ver como mostrar a dissimetria, não é?

MD: Sim.

Maria Idalia de Góes: Isso que ele acabava de falar, não é?

¹ Referência à homofonia de “l’etourdi”, em francês, com “les tours dits”, as voltas ditas.

MD: Sim, isso faz parte dessa passagem em que Lacan busca a dissimetria. Uma propriedade propriamente topológica do toro que insistiria sobre a diferença entre a demanda e o desejo.

Maria Idalia de Góes: É por causa dessa característica do significante que não há intersecção entre os conjuntos A e B do círculo de Euler?

MD: Não, trata-se da propriedade topológica do toro, que não há intersecção entre A e B.

TP: Porque, para que haja intersecção, é preciso que seja no plano, não é isso?

MD: Sim. Nós podemos fazer uma intersecção no toro, mas sem utilizar todas as propriedades topológicas do toro, fazendo só na superfície, em um só lado, digamos assim...

TP: Alguma outra questão?

MD: Uma última questão...

TP: Aproveitem, porque não é todo dia que temos o Marc com a gente...

Simone Gryner: O senhor falou que o significante tem uma identidade e uma diferença, e mostrou isso no oito interior. Mas qual é a importância do significante como identidade na clínica? A importância é sempre articulada com a questão de ele ser pura diferença? Ou tem uma importância em si?

MD: Lacan partiu disso, do traço único, ou seja, o fato de compartilhar, por exemplo, o sintoma de uma pessoa amada, leva a uma identificação dita de significante. A identidade e a diferença no significante é que, quando a gente diz que o significante é diferente dele mesmo, a gente diz, ao mesmo tempo, que ele é diferente e que ele é mostrado no mesmo significante.

Angela Jesuíno: Marc, se você me permite, eu acho isso formidável, porque, se dissermos que toda identificação é da ordem significante, é identificação ao significante, e que o significante, ele próprio, tem essa propriedade de ser o mesmo e ser diferente, a identificação nunca é da ordem do mesmo, não se pode reduzir isso ao mesmo. Marc estava dizendo que, por conta disso, a identificação nunca é total. A identificação com o significante nunca é totalitária. Isso é fundamental para a clínica, o fato de sempre haver uma diferença. Quando um paciente diz que se identifica com seu pai ou com sua mãe, há sempre algo de uma diferença que se inscreve, ao mesmo tempo. Você está de acordo, Marc?

MD: Sim, isso me faz lembrar de alguém que se surpreendia ao empregar as expressões de seu pai. Isso funcionava sozinho. Expressões que, quando ele era criança, ele rejeitava, e ele se surpreende usando as mesmas palavras, as mesmas frases.

T.P: Então, esse mesmo e essa diferença, seriam o que aí? Que ele não é seu pai, poderíamos dizer, mas...

MD: É isso o que permite criticar a identidade...

Nestor Vaz: Eu poderia colocar só mais uma questão, última questão?

MD: A última...

Nestor Vaz: O senhor pensa que, com essa passagem, no *Aturdito*, de uma superfície orientável, como o toro, para uma superfície não orientável, que é a banda de Moebius, essa passagem do Lacan é uma antecipação da teoria dos nós?

MD: Sim, a gente pode dizer que há uma antecipação dos nós no *Aturdito*, e Lacan voltará a isso mais tarde, quando ele reintroduzir o toro no nó borromeano. Efetivamente, no *Aturdito*, há uma transformação de uma superfície orientável, o toro, graças a um corte e ao recolamento das duas bordas da banda obtidas dela mesma.

TP: Há um filme no site da ALI, feito pelo colega Cyrille Noirjean, que é uma demonstração desse corte do *Aturdito*.

Nestor Vaz: Muito obrigado.

MD: Obrigado pela atenção.

Eduardo Rocha: Bom, podemos então terminar esse encontro de inauguração, não é, Thatyana?

TP: Isso...

Eduardo Rocha: Agradecendo muito a vocês, a você, Thatyana, a Marc Darmon, a Angela, e a todos.

TP: Eu quero lembrar que o Seminário de verão terá uma forma híbrida, então a gente se encontra lá.

Eduardo Rocha: Sim, será ótimo para nós. Muito obrigado a todos!

(transcrição realizada por Rafael Lazari, e revisada por Eduardo Rocha, Sylvia Morard e Silvia Venturini)